

os grandes enigmas da primeira guerra mundial

ÍNDICE

Parte 1

Introdução à primeira parte	11
Os enigmas do 9 de Abril	15
Sarajevo: milhões de mortos por causa de dois tiros	49
Por que razão Von Kluck «salvou» Paris?	81
Pétain face aos motins de 1917	111
O telegrama que fez perder a guerra à Alemanha	141

Parte 2

Introdução à segunda parte	173
A «leva da morte»	175
Grandeza e decadência de Lawrence da Arábia	197
Mata Hari, agente H 21	225
Lenine, Trotsky e a Revolução Russa	273
A princesa Anastasia escapou à chacina de Ekaterinburgo?	291

Parte 3

Introdução à terceira parte	351
Mandado para a morte?	355
Como foi assassinado Rasputine	385
O último corsário	427
O desastre de Caporetto	453
A neutralidade da Espanha na Primeira Guerra Mundial	479

Bibliografia	517
---------------------------	------------

PARTE 1

COM A COLABORAÇÃO DE:
METZNER LEONE, ÉDOUARD BOBROWSKI, CLAUDE GUILLAUMIN,
CLAUDE P. MERLO, LUCIEN VIÉVILLE

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE

Na história da intervenção portuguesa na Grande Guerra de 1914-1918, sobressai uma data, a de 9 de abril de 1918.

Nessa data, e nos campos alagados da Flandres, travou-se a batalha de La Lys. Oito divisões alemãs lançaram-se como um cilindro contra uma só divisão portuguesa, incompleta, exausta, física e moralmente, por cinco meses de permanência num labirinto de trincheiras cavadas na lama, uma divisão que esperava, havia dois dias, ser substituída nas primeiras linhas por tropas frescas que deviam vir da retaguarda. Resultado: 7500 homens perdidos, dos quais 327 oficiais, entre mortos, feridos e prisioneiros.

Uma vitória? Uma derrota? Morrer em combate não é vencer nem ser vencido, é simplesmente morrer. As possibilidades de vencer eram nulas, restavam apenas as de morrer.

Mas morrer de tal maneira que o próprio inimigo escreveu, nas cruzes erguidas sobre as sepulturas de alguns desses bravos: «Aqui repousa um valente soldado português.»

Na grande conflagração, cujo horror viria ainda a ser largamente excedido vinte e um anos depois, foi apenas uma batalha mais.

7500 homens perdidos. Mas podia ter sido só um — como naquele impressionante livro de Erich Maria Remarque, que termina assim:

«Morreu em outubro de 1918, num dia tão tranquilo em toda a linha que os comunicados apenas disseram: nada de novo na frente ocidental.»

Um morto, ou alguns milhares... A lição a tirar é afinal a mesma... a do horror da guerra... a da estupidez da guerra.

...

Em Sarajevo, na Bósnia. Um jovem anarquista. Gavrilo Princip, com 19 anos. Dois tiros, dois mortos... o arquiduque Francisco Fernando e sua mulher, a arquiduquesa Sofia. Mais alguns mortos, o assassino e os seus cúmplices que morrem na prisão, poucos meses depois... E mais cerca de nove milhões de mortos, ao cabo de quatro anos de guerra...

A Primeira Grande Guerra teria sido necessariamente uma consequência dos dois tiros de Sarajevo?

Há quem pense que não, quem pense que a guerra teria sido inevitável de qualquer maneira. A situação na Europa era tal que certos governos estavam convencidos de que só um vasto conflito armado poderia desenredá-la...

Sempre foi assim. Alexandre, o *Grande*, cortou com a espada o nó górdio que não conseguira desfazer...

A 3 de setembro de 1914, o general alemão Von Kluck, à frente de 250 000 homens, está às portas de Paris e parece que nada poderá detê-lo... Mas inesperadamente, como por um milagre, Von Kluck desvia-se da capital e avança para sueste.

A seguir é a batalha do Marne, e Paris está salva. Por que razão o general alemão teria «poupado» a grande cidade? Qual o motivo que o levaria a desobedecer assim às ordens do Grande Estado-Maior Imperial?

1917, o ano da grande crise do Exército francês. Os soldados, ao cabo de três anos de guerra, recusam-se a combater mais. Os motivos desta atitude alastram por toda a frente, onde os boatos circulam sem interrupção... Derrotas sucessivas, cansaço, desesperança, propaganda exterior...

Pétain, chamado a intervir, pensa que «é indispensável uma primeira impressão de terror» para cauterizar a chaga moral...

27 soldados são fuzilados... Outros afirmam que são 277... ou mais. O processo é cruel, muitas vezes injusto... mas alcança a sua finalidade... Um tanto paradoxalmente, o medo da morte lança os homens para a morte, mas o paradoxo é compreensível... Entre o pelotão de execução e o inimigo, os homens preferem o inimigo...

Um telegrama secreto, interceptado e decifrado pelo célebre Bureau 40, em Inglaterra... contribui poderosamente para lançar os Estados Unidos no conflito que havia já três anos abalava a Europa. É o caso Zimmermann...

William Reginald Hall, diretor do serviço secreto naval britânico, é sem dúvida um nome pouco conhecido. E, no entanto, foram Hall e os seus colaboradores, Ewing, Montgomery, Nigel de Gray e outros, que precipitaram a queda do império alemão de Guilherme II...

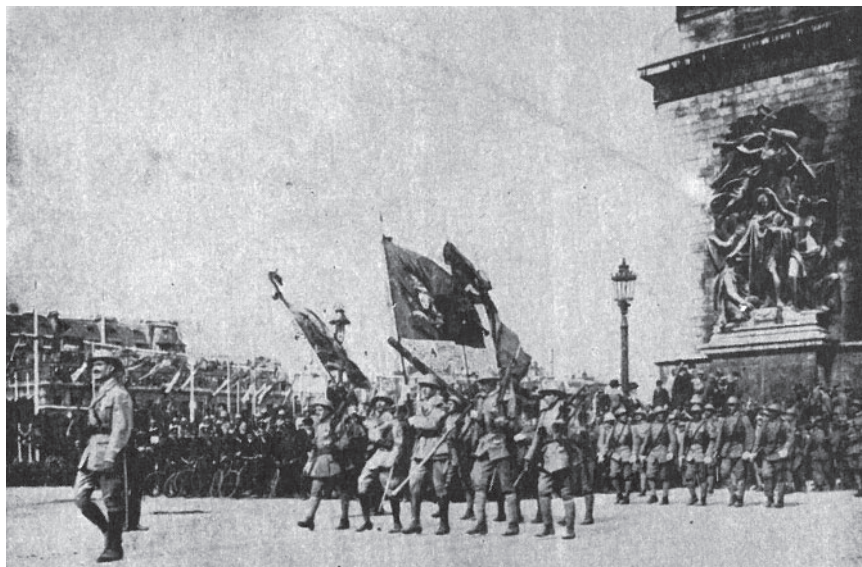
OS ENIGMAS DO 9 DE ABRIL

Um dos maiores enigmas da história portuguesa do século xx é, sem dúvida, o 9 de Abril de 1918. E isto porque a batalha de La Lys — ou de Armentières, como lhe chamam os Ingleses —, que naquela data inesperadamente se travou nos terrenos alagados da Flandres, entre forças alemãs e anglo-portuguesas, decorreu em circunstâncias todas especiais que muito contribuíram para tornar confusas, e mesmo contraditórias, as avaliações apaixonadas que do acontecimento se fizeram.

Desde uma desonrosa derrota militar até à maior glória das armas portuguesas na Primeira Guerra Mundial — tudo se tem escrito sobre o 9 de Abril. Isto, no que muito simplesmente se refere ao comportamento das tropas portuguesas. Mas há ainda outra circunstância que contribui para confundir os historiadores: é que não deveriam ser as tropas portuguesas a suportar o ataque naquela data desencadeado pelas tropas alemãs, e sim as inglesas, que iam render os soldados portugueses exaustos por uma já muito longa permanência nas trincheiras. E como se tudo isto não bastasse para tornar confusa a realidade dessa batalha de La Lys, aconteceu ainda que em Portugal se vivia então num período de luta política interna, que propiciou, simultaneamente, o enaltecimento da conduta militar portuguesa naquela emergência, ou o seu aviltamento — conforme quem exaltava, ou diminuía, era ou não partidário da intervenção de Portugal na guerra.

A este respeito, há uma palavra a dizer nos dias de hoje: embora seja de censurar a conduta dos governos portugueses pela maneira como se comportaram com o governo alemão, nos primeiros anos do conflito — de tal forma censurável que não declararam guerra à Alemanha em função da aliança com a Inglaterra, e foi, afinal, a Alemanha que declarou guerra a Portugal pela sucessão de atos hostis que contra ela eram praticados —, embora seja de censurar

essa atitude da política portuguesa, dizíamos, a verdade é que a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial, ao lado dos aliados ocidentais, teve a norteá-la o desejo de ver mantida a integridade dos territórios e das populações portuguesas, na Europa e no ultramar. Esta preocupação da indivisibilidade da nação portuguesa é que levou os soldados portugueses aos teatros de guerra africanos e europeus, e por essa participação na defesa do património nacional merecem aqueles governos o respeito de todos os portugueses.



Os portugueses desfilam em Paris, sob o Arco do Triunfo, na Festa de Vitória (14-7-1919).

Pode parecer estranho que se louve a participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial e se concorde com a neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial — mas a verdade é que estas duas atitudes são perfeitamente coerentes e correspondem, ambas, às exigências das circunstâncias verificadas, respetivamente, em 1914 e em 1939 — as quais determinaram posições diferenciadas para a defesa dos mesmos interesses portugueses. Em 1914, vivia-se ainda no *statu quo* decorrente da Conferência de Berlim, em que os próprios aliados britânicos tinham em princípio concordado em ceder aos Alemães parte do ultramar português. Era preciso, pois, nessa era de desenfreado colonialismo, marcar uma posição moral que impedisse e de antemão frustrasse aos Ingleses qualquer oportunidade de prosseguirem nas teses da Conferência de Berlim. E de nenhuma outra maneira poderiam os Portugueses impor-se ao

conceito mundial, senão pegando em armas e batendo-se pelos seus territórios e pelas suas populações. Ao fim e ao cabo, dentro do caos da política interna de então, foi isso mesmo o que Portugal fez — e por o ter feito abertamente é que, na hora da vitória dos aliados ocidentais, o Exército português desfilou em Paris sob o Arco do Triunfo, entre as tropas vencedoras, e a unidade nacional não sofreu então nem uma beliscadura. No que respeita às circunstâncias em que deflagrou a Segunda Guerra Mundial, eram elas tão outras, quer militar quer politicamente, que a lição dos factos — e esta é que é lição da história — ensinou ter sido a política de neutralidade colaborante aquela que em melhores condições serviu o interesse nacional português. Mas enganam-se aqueles que, pelos resultados da política de neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial, pretendem diminuir, ou mesmo censurar, a intervenção portuguesa na Primeira Guerra Mundial: esta foi absolutamente necessária para que as fronteiras portuguesas não se vissem substancialmente diminuídas quando da assinatura do Tratado de Versalhes — e os governos que lucidamente o entenderam e se dispuseram a defender a integridade portuguesa com o sacrifício do seu povo não devem nem podem, por isso, ser censurados. Bem ao contrário, eles merecem o respeito por essa sua ação — ação tão fundamental que por ela lhes podem ser perdoados tantos erros e desatinos que por essa época foram cometidos na vida política portuguesa. Realmente, para as gerações posteriores, o que ficou de válido da atuação desses governos foi a permanência do Portugal multicontinental que então se defendia.

Vimos, assim, que tanto as condições da luta política interna que se travava em Lisboa, como as de ordem tática, como as de ordem psicológica, foram desfavoráveis a um imediato esclarecimento do acontecido durante a batalha de La Lys, e, sobretudo, das razões determinantes do que realmente tivesse acontecido. Chegou mesmo a gerar-se uma polémica em que os termos antagónicos de «desastre» e de «glória» se afrontavam, desfraldados ao calor das paixões que serviam, e inteiramente esquecidos daquilo mesmo que a história mais carece: da verdade.

Procuraremos, neste esclarecimento sobre os enigmas que subsistem a respeito da batalha de La Lys, destrinçar a verdade dos factos, para além de quaisquer posições partidárias — trabalho que nos será relativamente fácil por não estarmos enfeudados a nenhuma das correntes interessadas na glorificação ou no descrédito dos soldados portugueses que se bateram na Primeira Grande Guerra.



O primeiro batalhão de infantaria portuguesa que ocupou as primeiras linhas.

Não pode hoje escrever-se sobre o 9 de Abril sem citar o livro do então general Gomes da Costa, um dos comandantes portugueses empenhados na grande operação defensiva da batalha de La Lys. Entretanto, e sem qualquer desdouro para a memória do grande cabo de guerra, não se deve esquecer que ele era parte interessada na matéria que nesse livro abordou, que era altamente responsável pela sua qualidade e função de comando, e que o somatório destas circunstâncias bem poderia tê-lo levado, mesmo inadvertidamente, a não ter conseguido uma visão perfeitamente objetiva do quadro que descrevia. Assim mesmo, não podem ignorar-se aquelas palavras suas, que se situam exatamente no campo oposto: aquelas em que Gomes da Costa aparece a criticar, e, sob certos aspetos, quase a verberar, o procedimento militar do lado português. A estas palavras há que dar-lhes toda a ênfase, pois se situam num esforço de objetividade que, por partir de quem partiu, não pode deixar de se considerar de primacial importância.

Vejamos o que escreveu Gomes da Costa:

«A artilharia, umas baterias por não receberem ordem alguma ou indicações precisas, outras por não poderem remunciar, mas principalmente pelo formidável bombardeamento debaixo do qual estavam, não executou a barragem precisa para suste o ataque da infantaria alemã; tão-pouco as contrabaterias atiraram com o necessário vigor, o que permitiu à artilharia

alemã esmagar completamente as nossas linhas de infantaria. É bom ainda acrescentar, para elucidação e perfeita clareza, que a artilharia da divisão, a que me venho referindo, era apenas artilharia de campanha, e não podia, portanto, bater-se e contrabalançar a massa da artilharia pesada inimiga, o que só poderia ser feito pela artilharia pesada inglesa que apoiava a divisão.»

Este trecho, do mais que insuspeito general Gomes da Costa, fica bem na abertura do que vai ler-se. Ele deixa ver claramente que o 9 de Abril não foi uma vitória portuguesa, mas sim uma derrota — derrota que tem vários motivos justificáveis, que de modo algum desonra as armas portuguesas, mas seguramente derrota de que só há que ter orgulho naqueles casos em que se conseguiu cumprir o dever de combatentes, morrendo no lugar da honra.

Antes ainda de descrever o combate tremendo que a frente portuguesa teve de suportar, em condições de grande inferioridade, perante as tropas de assalto alemãs, parece necessário recordar uma circunstância que teve grande importância na forma como as coisas se passaram: as tropas portuguesas que, naquele setor, guarneciam a frente ao lado das tropas inglesas, estavam há longo tempo nas trincheiras lamacentas do setor de La Bassée e *tinham acabado de receber a notícia de que iam ser rendidas por tropas inglesas, dentro de algumas horas*. É nesse momento que se desencadeia o ataque preparatório da artilharia inimiga, abatendo-se sobre tropas há muito ocupando aquelas posições, e com o moral de estarem a poucas horas de as abandonar.

Embora esta circunstância seja conhecida, parece que não tem sido valorizada na plenitude do que teria representado para o espírito combativo com que as tropas portuguesas das primeiras linhas, especialmente da primeira e da segunda linhas, receberam as vagas de assalto da infantaria alemã. Por isto mesmo, chama-se a atenção do leitor para a circunstância de se tratar de tropas extenuadas na guarnição das linhas da frente, que tinham recebido a notícia de irem ser — finalmente! — substituídas naquela missão; quando, subitamente, se desencadeou sobre elas um tremendo bombardeamento, que nos primeiros momentos foi considerado de rotina (!...) mas que, a breve trecho, se verificou ser preparatório para um ataque de grande envergadura, destinado a perfurar as linhas da frente aliada no ponto de junção entre as tropas inglesas e portuguesas.

O fator psicológico atuante sobre forças exaustas, que tinham sido informadas da sua próxima rendição por tropas frescas, é importantíssimo

para se avaliar da forma como essas tropas exaustas, em vez de cederem o seu lugar às tropas que deveriam ir rendê-las, tiveram de enfrentar um dos mais bem preparados e mortíferos ataques da guerra moderna. É evidente que as tropas portuguesas, se não tivessem sido avisadas da sua iminente retirada, teriam na mesma de enfrentar a avalanche de ferro e fogo a que foram submetidas — mas certamente que a teriam recebido com muito diferente disposição de ânimo, do que chegando essa avalanche na hora em que se preparavam para serem removidas para a retaguarda e ficarem livres das contingências decorrentes de estarem a defender as primeiras linhas.

Chamada a atenção do leitor para este pormenor de grande importância, importa registrar, para uma global avaliação das tropas em presença — anglo-portuguesas, de um lado, e alemãs, do outro que não havia qualquer desproporção quanto aos efetivos em presença. Ou melhor: que essa desproporção era a favor das tropas anglo-portuguesas, e a desfavor das tropas alemãs — e isto porque, nesse dia 9 de abril de 1918, numa frente de 55 quilómetros, entre Gravelle e Armentières, se defrontaram 84 000 anglo-portugueses defensores, contra 55 000 alemães atacantes.



O general Gomes da Costa com o seu estado-maior.

Quer dizer que os atacantes eram em número sensivelmente inferior aos defensores das posições a conquistar. Assim mesmo, não quer dizer que as tropas portuguesas tenham beneficiado dessa disparidade numérica, e isto porque foram surpreendidas por um ataque quando se preparavam para retirar da frente, e ainda porque, enquadradas em tropas inglesas, a sua ação defensiva seria em grande parte o resultado do apoio que lhes

fosse prestado por essas tropas inglesas — as quais, em vez de apoiarem as tropas portuguesas, resolveram retirar das primeiras linhas para sucessivos encurtamentos da frente de combate, deixando obviamente a descoberto os flancos das linhas portuguesas, que rapidamente foram envolvidos e ultrapassados pelas vagas de assalto da infantaria germânica. Embora os números favorecessem os defensores perante os atacantes, é justo considerar que, no caso restrito da frente portuguesa, esta se encontrava desfalcada em nada menos de 4 batalhões, do que resultava estar enfraquecida pela falta de 209 oficiais e 4500 soldados.

No dia 7 de abril de 1918, as tropas portuguesas recebem ordem de rendição — isto é: são informadas de que vão deixar as trincheiras, onde serão substituídas — rendidas — por tropas britânicas das Divisões 50.^a e 55.^a. É um alívio para os soldados das primeiras linhas. Segundo a comunicação recebida, a substituição das tropas portuguesas pelas inglesas deverá começar a 9 de abril, para estar terminada na noite de 10 para 11. Era uma alegria com a qual aqueles soldados sacrificados já nem contavam: ao fim de um duríssimo mês de março, em que o inimigo flagelara frequentemente as suas posições, os soldados exultavam agora com o abandono daquelas infernais primeiras linhas lamacentas e húmidas, onde tão desconfortavelmente se tinham agarrado ao terreno e suportado o fogo da artilharia alemã. Finalmente, iam ser alojados em acantonamentos capazes, iam recuperar-se física e moralmente das intermináveis semanas passadas entre sacos de areia e lama. Mas na noite de 8 para 9 de abril, os Alemães rompem um intenso fogo sobre as primeiras linhas. Ao fim de três horas de bombardeamento, houve uma acalmia que se prolongou durante poucas horas, para, às 415 da madrugada de 9 de abril — o dia em que deveria fazer-se a substituição das tropas portuguesas pelas inglesas —, estourar o fogo violentíssimo que preparava o assalto da infantaria alemã às posições. Fogo devastador que matava e destruía tudo, autêntica avalanche de metralha que varreu as trincheiras e as linhas de comunicações durante horas seguidas. Apesar disso, o comando português levou tempo a compreender que se tratava do início de um ataque geral para desalojar as suas tropas — o que demonstra, pelo menos, duas coisas: deficiência de reconhecimentos no que respeita aos preparativos inimigos e perigosa lentidão em compreender os seus objetivos. Quando o comando português se apercebe do que vai passar-se, já não há comunicações entre as posições avançadas, já reina a confusão e o pânico nas primeiras linhas de tropas desfalcadas e exaustas, sob um

dos mais violentos ataques desencadeados durante toda a Primeira Guerra Mundial.

Gomes da Costa escreveu:

«Pelas 7,50 (de 9 de abril) a infantaria alemã, a coberto da sua barragem e do nevoeiro, salta os seus parapeitos, e avança sobre as nossas linhas em três vagas de assalto. Cada vaga era formada por grupos de vinte ou trinta homens, em formação de costado por dois, os grupos intervalados de cinquenta a oitenta passos, armas em bandoleira, baionetas armadas, marchando na cadência de ordinário; na frente de cada grupo, um oficial precedido por duas ou três metralhadoras ligeiras, fazendo incessantemente fogo.»

As primeiras linhas portuguesas não resistem: surpreendidas perante a avalanche do fogo da artilharia e o assalto da infantaria, ou retiram ou morrem, totalmente esmagadas, destroçadas. A resistência começa mais atrás, na linha dos comandos dos batalhões e na linha das aldeias. Mas esta resistência, que em alguns pontos haveria de ser heroica, mesmo quando desesperada, já está prejudicada pelo pânico que vem da frente, estampado nos olhos dos soldados que retiram diante da avançada alemã. Há exemplos isolados de heroísmo, que o próprio inimigo não deixa de consignar nas legendas que escreve nas cruzes erguidas sobre as campas que abriu para alguns soldados de Portugal: *Hier ruht ein Taffer Portugiese Krieger* — «Aqui repousa um valente soldado português.» Mas estas consolações individuais não alteram, infelizmente, as circunstâncias desastrosas em que se travou o combate: unidades da frente muito desfalcadas nos seus efetivos; estes, com o moral abalado por uma longa permanência nas primeiras linhas e predispostos a serem rendidos quando foram atacados; demora havida na perceção de que se tratava de um ataque geral às posições, o que só pode aceitar-se pela total falência dos serviços de reconhecimento, pois o inimigo nunca poderia ter desencadeado semelhante ataque sem que primeiro tivesse conseguido, mesmo à frente das linhas contrárias, toda uma formidável concentração de meios militares para desencadear a sua ofensiva — e tudo isto tinha escapado aos homens do reconhecimento.

A avançada inicial dos Alemães através das primeiras linhas portuguesas determinou o recuo de algumas unidades inglesas que as rodeavam: foi por estes espaços que a infantaria alemã prontamente se infiltrou, vindo a atacar pela retaguarda as posições dos portugueses que ainda se mantinham

cuja defesa deveria estar a cargo das unidades inglesas — das mesmas unidades inglesas que foram sucessivamente louvadas pelo Alto-Comando britânico, numa evidente tentativa de salvar a face pela maneira pouco aguerrida como se comportaram nesse combate tremendo, cujas principais vítimas foram as tropas portuguesas.

Entretanto, a honra do soldado português sai incólume da grande batalha. A carta do general-marechal de campo Von Hindenburg, que adiante se transcreve, demonstra-o com toda a evidência.

Com o título «O 9 DE ABRIL E A NOSSA POLÍTICA DE GUERRA», publicou Ferreira do Amaral um trabalho, quando as paixões partidárias ainda devastavam Portugal e confundiam a opinião pública. Adiante, adquirem aspetos altamente reveladores as opiniões comparadas de dois generais — o português Gomes da Costa, e o alemão Ludendorff. Através de documentos desta natureza, parece-nos, é que a opinião pública pode e deve ser formada, pois só uma documentação idónea pode contribuir para que se desfaçam lendas e se esclareçam enigmas.

Escreve Ferreira do Amaral:

Como é do conhecimento de todos, ninguém em Portugal chegou até hoje a ter uma noção aproximada do que foi o 9 de Abril.

Ao fazer esta afirmação, refiro-me aos leigos em assuntos militares, como o é a massa da população e até aqueles que, tendo estado em França e nas linhas, não tiveram ocasião de apreciar com documentos idóneos o papel do nosso Exército nesse dia 9 de abril de 1918.

Toda a política do meu país, dos últimos seis anos, caiu sobre os soldados de Portugal que na Flandres receberam um dos muitos e vários ataques com que os Alemães procuraram vencer os Aliados.

O período da guerra que, para a Alemanha, constituiu a sua última ofensiva no *front ocidental*, começou em 21 de março de 1918 e prolongou-se, sem interrupção sensível, por toda a primavera desse ano, numa série de batalhas e avanços correspondentes, até 18 de julho, dia em que começou a contraofensiva dos Aliados.

De facto, começando as tropas alemãs em 15 de julho de 1918 pela manhã, a passar o Marne, num avanço que Ludendorff classifica de brilhante, na madrugada de 18 não só detêm o seu avanço, mas começam a perder terreno. Daí em diante, o resto da campanha foi uma derrota sucessiva para o Exército

alemão, assistindo, desde essa data, o general Ludendorff, seu quartel-mestre-general, ao desabar de todos os seus sonhos. O general Ludendorff, entre as várias decisões de ordem técnica que tomou, deliberou, em seguida ao ataque de 21 de março lançado contra Amiens, lançar outro contra Calais e Boulogne, marcando o dia 9 de abril para o seu início, como podia ter marcado o dia 8, o dia 10, ou qualquer outro dia do mês de abril.



Um cemitério dos portugueses na França.

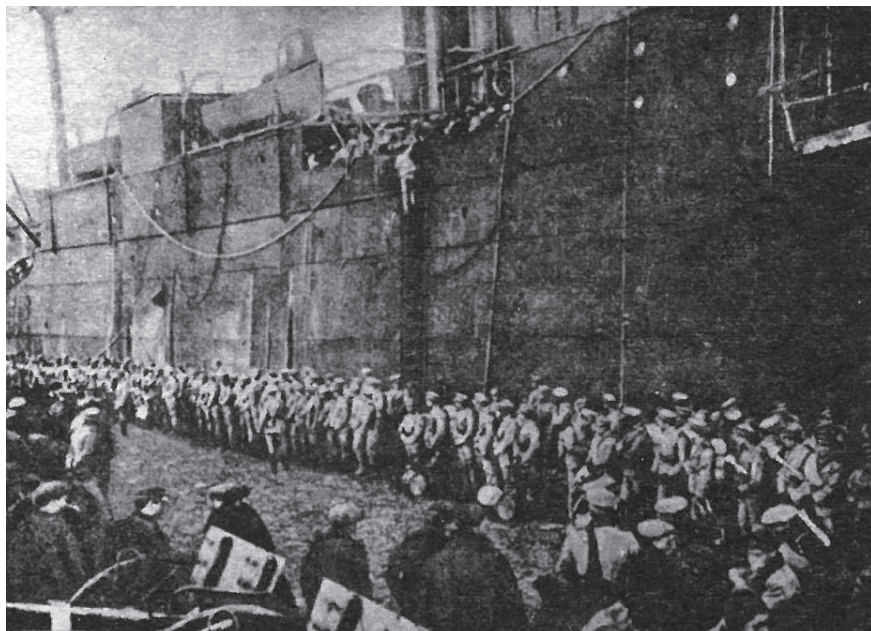
A 2.^a Divisão portuguesa estava nesse dia guarnecendo a frente que cortava o caminho que Ludendorff necessitava ter livre, para se aproximar de Calais e Boulogne.

Daí o ele ter, inevitavelmente, que vir às mãos com os Portugueses!

Dadas estas condições, começou a abrir caminho a tiros de artilharia pelas 4 horas e meia da manhã desse dia; pelas 8 horas da manhã, entendeu que já era azado mandar avançar a sua infantaria; às 10 horas e meia, alcançava essa infantaria algumas baterias da nossa artilharia de campanha, na nossa esquerda, e, às 11 horas e meia da manhã, tinha o inimigo conseguido matar, varrer e aprisionar, uns milhares de portugueses, que não queriam deixar efetuar as suas decisões. Para isso entendeu, e muito bem, que tendo pela frente uma divisão, devia lançar contra ela 8 divisões, sem se importar

se era de portugueses, se era forte ou fraca, se estava nas linhas com ou sem vontade, se estava cansada ou não. Foi assim que esmagou os Portugueses.

Fez o que manda a cartilha da guerra moderna, que preceitua a quem ataca fazê-lo na proporção de 8 contra 1.



Idas de Lisboa. Tropas do CEP a desembarcarem em Brest.

Há nisto alguma coisa de extraordinário?

Os senhores políticos, com a maior impolítica, começaram a acusar-se mutuamente de responsáveis pelo que se passou nos pântanos da Flandres, no dia 9 de abril de 1918, esquecendo-se todos eles de que o general alemão Ludendorff não consultou nenhum dos partidos políticos de Portugal para tomar a deliberação de forçar o caminho de Calais, nesse dia; e que também não explicou a nenhum político do nosso país porque é que não deliberou atacar esse ponto da frente aliada, antes ou depois de 9 de abril de 1918!

Os políticos denominados *democráticos* vomitam pragas contra os chamados *sidonistas* acusando-os de responsáveis pelo desastre de 9 de abril, o que nos leva a concluir que estão convencidos, ou que sabem de fonte segura, de que os *sidonistas* pediram ao general alemão a fineza de atacar os Portugueses, sem falta, nesse dia!

Em revindita, os *sidonistas* despejam sobre os *democráticos* as maiores diatribes, tornando-os responsáveis pelo desastre de 9 de abril: e deste modo, devemos ou podemos concluir que os *sidonistas* possuem documentos em que provaram, a seu tempo, que o governo que mandou as tropas para o *front ocidental* empregou todos os esforços para que os Portugueses fossem colocados num setor que, de antemão, se sabia ser atacado no dia 9 de abril de 1918!

Ambos os adversários chamam «DESASTRE» ao que se passou nesse dia com os portugueses, que procuraram evitar o avanço alemão até onde o seu máximo esforço o permitia.

É caso para notar uma falta que ambos os partidos cometeram para se poderem acusar mutuamente; foi o não terem enviado, a tempo, delegados especiais para assistirem ao «DESASTRE»!

Mas há mais; em começos de 1920 apareceram pelas livrarias duas brochuras, que se referem, com certos detalhes, ao 9 de Abril.

Uma é a tradução francesa de uma obra escrita pelo general alemão Erich Ludendorff, devida ao general Buate, do Estado-Maior francês do general Foch.

A outra brochura que apareceu foi um volume de 260 páginas, com o título de *A Batalha do Lys*, da autoria do general português Gomes da Costa.

Comparando o que cada uma diz, vê-se que há muitos pontos de contacto nas referências de ordem técnica, tendo em linha de conta o papel de cada um dos generais na batalha, durante aquele dia.

De facto, o general Gomes da Costa, comandando uma simples divisão, refere pormenores que não constituem preocupações de um general que exerce funções tão altas como as que exercia o general Ludendorff. Porém, o general alemão, nos seus *Souvenirs de Guerre*, e o general português na sua *Batalha do Lys*, não acham que nesse dia houvesse «desastre» para os portugueses; antes são concordes em que tudo correu com a normalidade com que costumam decorrer as coisas da guerra em dias de combate!

É curioso ir comparando o que escrevem ambos, sem se conhecerem, nem sequer de vista.

É mesmo natural que os políticos, em Portugal, acabem por convencer-se de que têm insuficiência moral, mental e profissional, para classificar o procedimento dos soldados que tomaram parte na batalha de La Lys, assunto que só a estes pertence explicar, não podendo constituir matéria para abelhudos e ociosos, a quem a paixão pessoal, a ausência de corpo e a incompetência na arte ou ciência da guerra tiram toda a autoridade.

Mesmo entre militares, de há muito é axiomático que, sendo políticos apaixonados e de profissão, não passam de soldados medíocres.

O brio militar e o prestígio necessário ao comando de tropas são incompatíveis com a profissão de político em qualquer país, e Portugal não pode reservar-se o privilégio de ser a exceção à regra; de onde se vê que o 9 de Abril não pode constituir prato do dia para os abelhudos que respiram só política.

A Ofensiva Alemã na primavera de 1918 — o 9 de Abril — pertence só aos soldados que nesse dia se bateram na Flandres e as suas mais insuspeitas testemunhas são os dois generais que vamos ouvir alternadamente:

Ludendorff — «Conferenciei com os comandantes dos grupos de exércitos e com os oficiais do meu estado-maior, a fim de assentar e escolher a frente de ataque, e tomei nota cuidadosamente das suas opiniões e maneiras de ver. Três setores se apresentavam, para atacar o inimigo: um, ao norte, na Flandres, de Ypres a Lens; outro, no centro, entre Arras e Saint-Quentin, ou La Fère; ainda outro, ao sul de um e outro lado de Verdun, pondo de parte a zona dos fortes. Como sucede em circunstâncias idênticas, cada uma das três soluções tinha as suas vantagens e os seus inconvenientes. (...) Para um ataque no setor ao norte (Ypres a Lens), o terreno era o vale da ribeira de La Lys, a oeste de Lille, onde se devia pronunciar o ataque principal, não era praticável, senão em certas épocas do ano, com bom tempo; antes dos meados de abril não era possível o trânsito fora dos caminhos e estradas. (...) Estrategicamente, o ataque no setor do norte oferecia enormes vantagens, porque permitia atingir um objetivo que era ao mesmo tempo de grande valor. Este ataque permitia obter do inimigo um recuo notável no seu *front*, se conseguisse tomar Calais e Boulogne. (...) Tomei a resolução de atacar o setor do centro, entre Arras e Saint-Quentin, com um ataque parcial ao sul de La Fère.»

Gomes da Costa — «Entalado entre os canais de Merville-Estaires, ao norte, e o de La Bassée, ao sul, que se reuniam no Oise, a situação do corpo português, num caso de retirada, estava seriamente comprometida, principalmente porque nesse espaço restrito teriam que se mover todos os transportes para a evacuação dos depósitos de material, subsistências e hospitais acumulados demasiado à frente e sob a barragem eficaz da artilharia inimiga, que tinha perfeitamente referenciadas todas as estradas, cruzamentos e pontes.

O terreno que o corpo português cobria era plano, argiloso, com um lençol de água a alguns centímetros abaixo da superfície, o que obrigava a construir todos os entrancheiramentos em relevo, com sacos cheios de terra

e de areia; descia suavemente cortado em todas as direções por inúmeros drenos, que se dirigiam à ribeira de Lawe, afluente do Lys.

No verão, o calor era asfíxiante, a atmosfera sempre carregada de poeiras; no inverno, os homens atascavam-se em lama até aos joelhos.»

Como se vê, há concordância nas opiniões dos dois generais, sobre a natureza do terreno que serviu de campo de luta entre Alemães e Portugueses, no dia 9 de abril de 1918.

Como se vê, foi a natureza alagada e pantanosa do terreno que levou Ludendorff a reservar para meados de abril o ataque sobre o setor de Flandres, que está entre Ypres e Lens.

Vê-se qual o objetivo, que era a tomada de Calais e Boulogne, depois de obter o objetivo primeiro, o recuo dos Aliados nesse ponto.

Necessário pois se torna varrer do campo de quaisquer discussões o facto de os Alemães terem atacado esse ponto *porque lá estavam os Portugueses*.

Se lá estivessem Chineses, Polacos, Mexicanos, Suíços, Espanhóis ou Dinamarqueses, seriam atacados da mesma maneira e à mesma hora desse dia 9 de abril. Chega a tornar-se um tanto ridícula a ideia, que em Portugal se propalou, de que os Alemães atacaram esse ponto do *front* porque lá estavam os Portugueses.

O general Ludendorff a preparar ataques especiais para Portugueses que lá tinham uma simples divisão, só lembra a pobres diabos que já não têm que dizer sobre o assunto.

Ludendorff — O Alto-Comando alemão pôs também de parte o projetado ataque da ala sul do VI Exército. Pelo contrário, decidiu pronunciar o ataque na planície de La Lys, entre Armentières e La Bassée; tratava-se da operação principal, proposta em tempo pelo grupo de exércitos do Kronprinz Rupert. O tempo apresentava-se seco e os Ingleses estavam enfraquecidos na planície de La Lys, bem como diante de Ypres. A preparação desse ataque foi muito cuidada da parte do VI Exército. O general Von Quast e o seu chefe de estado-maior, o tenente-coronel Lenz, mostraram-se de uma atividade infatigável e tudo tinham previsto à semelhança da preparação para o ataque de 21 de março. (...) O objetivo dos ataques ulteriores do grupo de exércitos do príncipe Rupert, com o IV e VI Exércitos, eram as alturas que limitam ao norte a planície de La Lys.

...



Distribuição do rancho, nas trincheiras.

Gomes da Costa — As forças alemãs na frente ocidental eram constituídas por três grupos de exércitos, comandados pelo príncipe Rupert, da Baviera (exércitos da direita), pelo Kronprinz da Prússia (exércitos do centro) e pelo duque Alberto do Württemberg (exércitos da esquerda), num total de 158 divisões.

A frente britânica ia de Dixmud ao Oise, 250 quilómetros, com oitenta divisões agrupadas em cinco exércitos sob o comando superior do marechal Sir Douglas Haig.

Do I Exército, sob o comando do general Horn, fazia parte o 11.º Corpo, sob o comando do general Hacking, e nele estava incorporado o corpo português.

O 11.º Corpo britânico ocupava a frente Armentières-Gravelle, numa extensão de 55 quilómetros, com o efetivo de 84 mil homens.

Nesta frente se achava o setor português, que se estendia de New Bond Street a Chetland Road, ao sul, numa extensão de 12 quilómetros. (...) A linha inimiga desenvolvia-se paralela à nossa, à distância entre 80 e 300 metros.

Ludendorff esgotara nos seus avanços quase todas as suas reservas humanas; em compensação, os Aliados, embora cedessem terreno diante do inimigo, desde 21 de março até 17 de julho, não deixaram de receber a toda a hora, desde o começo de 1918, reforços americanos que, guarnecendo os

seus setores, deixavam milhares de franceses e ingleses disponíveis para se defenderem das arremetidas alemãs. E foi com essa massa de manobra, que iniciaram a sua ofensiva. Porém, até lá, quantos «9 de Abril»?

Batalha de La Lys — Vamos agora ver o que dizem sobre a batalha de La Lys os dois generais: — o alemão e o português:

Ludendorff — O ataque de 9 de abril decorreu normalmente durante as três primeiras horas da manhã. As notícias que recebemos nessas primeiras horas eram-nos favoráveis.

Esse dia era para mim melhor aniversário natalício do que fora o do ano precedente, com o nosso grande cheque em Arras.

Sua Majestade ouviu ler os primeiros comunicados da batalha, em Avesnes, e ficou para o almoço.

Durante ele, proferiu uma breve alocução em minha honra, referindo-se nessa ocasião aos meus dois filhos que tinham morrido na guerra; também nessa ocasião me presenteou com uma estatueta sua, em ferro, de Retzner.

Essa estatueta será sempre para mim uma recordação sagrada do meu imperador.

Passadas as primeiras horas da manhã, o ataque pareceu decorrer mais lento. A passagem através do sistema de posições inimigas esbarrava contra obstáculos consideráveis, sobre um terreno que, apesar de plano, estava cortado de caminhos e buracos.

A direção das estradas era pouco favorável ao ataque.

Além disso, os destacamentos de *tanks* empregados por nós, destruíram os caminhos por onde passavam. A marcha da nossa infantaria foi demorada em virtude dos ninhos de metralhadoras inimigas, disseminadas num terreno semeado de arbustos.

À tarde, estávamos a progredir na direção de Armentières e aproximávamo-nos da ribeira de Lawe.

Na direção de Béthune, o avanço era frouxo; na nossa ala esquerda, estacado em frente de Festubert e de Givenchy. Os resultados não eram satisfatórios.

O ataque continuou durante 10 de abril.

Em 11 de abril foi tomada Armentières.

O IV Exército, que tinha já cooperado na batalha empenhada na sua ala esquerda ao norte do VI Exército, tomava Messines, perdida por nós desde 7 de julho do ano transato.

Depois de 21 de abril, a violência do ataque do VI Exército afrouxou,

enquanto o IV Exército continuava a ganhar terreno. A tomada de Kemmel, a 25, marcou o ponto culminante dessa nossa ofensiva.

Ao sul do monte Kemmel, Baileul caía também em nosso poder, mas mais ao sul o VI Exército não tinha feito mais progressos. Os fins de abril marcam a conclusão da ofensiva iniciada em 21 de março no Somme.

Tínhamos obtido enormes vantagens; é preciso não esquecer tais sucessos, embora o que depois sucedeu tenha produzido quaisquer impressões menos lisonjeiras. Tínhamos derrotado o Exército inglês.

Muito poucas eram as divisões inglesas intactas.

De 59 divisões inglesas, 53 tinham entrado em combate; 25 de entre estas tinham-se empenhado na luta repetidas vezes. Os Franceses tinham tomado parte na ofensiva com quase metade das suas divisões.



O general Fernando Tamagnini, primeiro comandante-chefe do CEP.

As perdas materiais para o inimigo foram enormes.

Algumas divisões italianas tinham aparecido na frente de batalha; por seu lado, as tropas anglo-francesas enviadas para Itália durante o outono precedente lá continuavam.

Na Macedónia, o auxílio da Grécia salvava as tropas inglesas.

Continuávamos a ignorar qual o efetivo das tropas americanas transportadas até abril.

Pelos meados de abril já se tinham travado os primeiros combates com tropas americanas, entre Saint-Mihiel e Moselle. Estas tropas estavam na França havia bastante tempo.

Gomes da Costa — A segunda e para nós decisiva ofensiva alemã teve lugar a 9 de abril, ao sul de Armentières, no velho campo de batalha de Messines, entre o canal de La Bassée e Bois Grenier.

Segundo o sumário do I Exército inglês, de 1 a 15 de abril, o objetivo

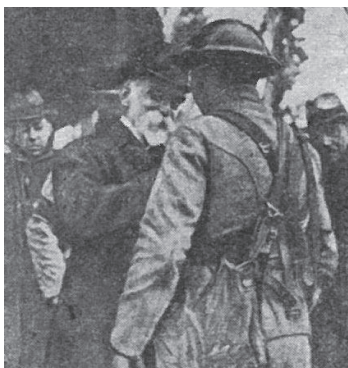
inimigo nesse dia era a linha Bois-Grenier, Fleurbaix, rio Lys, ribeira do Lawe, Gorre e canal de La Bassée, com o fim provável de acentuar o saliente que a linha alemã fazia já entre Givenchy e Fleurbaix, e devia ser executada pelas seguintes divisões:

Em 1.^a linha: 38, 32, 8RB, 1RB, 43R, 4 Ersatz.

Em 2.^a linha: 10 Ersatz, 81R, 44R-41.

Em 3.^a linha: 11R-48, R-8-239, 13-240.

Destas divisões, oito destinaram-se a atacar a frente portuguesa.



O presidente Bernardino Machado impõe uma
«Cruz de Guerra» na sua visita à França.

A frente do ataque seria posteriormente continuada por um duplo movimento de rotação dos flancos que determinaria a ocupação do terreno ao norte de La Lys e a oeste de Armentières, cortando as comunicações desta cidade e das passagens do canal, em Gorre, Merville e Béthune. (...) Para não voltarmos ao assunto, diremos desde já que o inimigo, em 9, alcança todos os seus objetivos no centro (divisão portuguesa), atravessa o Lys em Banc, Saint-Maur, alcança todos os seus objetivos na sua direita (divisão inglesa) e ocupa na sua esquerda (divisão inglesa) a ilha Loigne, Festubert e Givenchy. (...) O peso principal do ataque incidiu sobre as tropas portuguesas que ocupavam o centro da frente atacada. (...) Desde as 20,30 do dia 8 até à 1 hora da madrugada do dia 9, a artilharia inimiga executou sobre as nossas posições de artilharia rajadas de 4 e 5 minutos de duração, intervaladas de 10 a 15 minutos.

Fez-se então uma pausa, e às 4 horas e 15 minutos rompia com um violento e formidável bombardeamento, sobre as primeiras e segundas linhas de infantaria (simultaneamente batidas por morteiros) comandos de batalhão, brigadas e quartel-general da divisão. (...) Apesar da grande violência

do bombardeamento, tantos eram eles nos últimos tempos, que supusemos, a princípio, ser apenas um bombardeamento normal, um *arrassing fire* (fogo desmoralizador), ou uma represália aos nossos bombardeamentos anteriores. A certa altura, porém, a crescente intensidade do fogo, a sua marcha de avanço, que atingia já o quartel-general da divisão, fez-me crer que se tratava de alguma coisa mais séria, e pedi ordem à brigada chamada de reserva (3.^a Brigada: Batalhões 9, 12, 14 e 15) para ocupar a Village Line (linha de redutos à retaguarda dos batalhões que estão guarnecendo a primeira e segunda linhas das trincheiras mais avançadas).

Eram 4 horas e 20 minutos, e dessa ordem foi portador um dos meus ajudantes de campo. (...) Às 8 horas, a 40.^a Divisão inglesa, à minha esquerda, informava-me de que o inimigo penetrara na sua 1.^a linha e às 9 e 45 minutos recebo comunicação de que o inimigo penetrara entre o flanco direito da 40.^a Divisão inglesa e o meu flanco esquerdo. Às 9,30 o batalhão da direita diz ter perdido as 1.^a e 2.^a linhas.

Às 9,45 uma mensagem ainda da 40.^a Divisão inglesa, trazida por um pombo-correio, informava-me de que essa divisão ia recuar o seu flanco direito, por estar a esquerda portuguesa recuando. (A esquerda portuguesa, a essa hora, não recuava, porque estava a acabar de se *desfazer*, como de resto sucedia à direita da 40.^a Divisão inglesa, que também se diluía a essa hora nos escombros do bombardeamento.) Às 10,15 horas recebo análoga comunicação da Brigada 164.^a, da 55.^a Divisão inglesa, que se estendia até à minha direita. A 55.^a Divisão inglesa, à minha direita, foi atacada por três regimentos da *Erzats*, o que demonstra que o ataque executado sobre ela foi secundário e dependente do ataque principal executado sobre a 2.^a Divisão portuguesa, com o fim de abrir caminho para Merville e Aire, objetivo Calais e Boulogne. (...) A rutura de uma frente de batalha é caso vulgar e que não assusta qualquer comando, quando para parar essa eventualidade disponha de reservas; mas quando esse comando não dispõe de mais tropas, não tem meio de intervir na luta e limita-se, portanto, a receber as notícias que lhe vêm chegando da frente e a transmiti-las para as estações superiores. (...) Às 12,25 o comandante do 9.^o Corpo ordena-me a retirada do quartel-general para Calonne-sur-la-Lys.

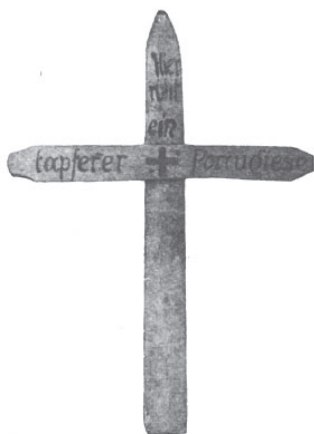
A Reuters, em 10 de abril, contudo, elogia a atitude das tropas portuguesas e o mesmo faz o *Times*, em 11 e 12.

O marechal Sir Douglas Haig louva no dia 9 a Divisão 55.^a pela forma como se bateu em Festubert e Givenchy e, a 15, o mesmo marechal reedita o louvor porquê? Evidentemente para desfazer a impressão que a infeliz manobra da 55.^a produziu no espírito público.

Infelizmente, o telegrama do comando do corpo português para Lisboa não foi de molde a contrariar o comunicado britânico desejoso de salvar a honra das Divisões 40.^a e 55.^a que os comunicados alemães tinham comprometido (é natural que os Alemães tentassem, como é sempre de *boa política*, envenenar o espírito de camaradagem entre Portugueses e Ingleses. Se tal não fizessem é que seria motivo de censura).

E é isto que é preciso rebater; e é esta suspeita que se torna indispensável repelir.

A 2.^a Divisão portuguesa com os seus 7500 homens perdidos (mortos, feridos e prisioneiros), dos quais 327 oficiais, demonstrou à evidência que se bateu com bravura e com honra, e que se mais não fez foi porque era humanamente impossível.



Cruz no coval de um soldado português,
na zona de Ferme du Bois. Legenda em alemão:
«Aqui jaz um muito valente português».

Comparando o sentir dos dois generais, vê-se que, no fundo, nenhum deles conseguiu bem o que queria.

O general alemão não se deu por satisfeito com os resultados obtidos em todo o dia 9 de abril, embora tudo fosse correndo normalmente durante as primeiras horas da madrugada desse dia. Por sua vez, o general português também se queixa de que não teve reservas bastante à sua disposição, embora nas primeiras horas da madrugada achasse normais os bombardeamentos. Esta apreciação do general português define bem quanto tinham calejado a sensibilidade dos Portugueses os fortes e violentos bombardeamentos do mês

de março. Não foi só o general de divisão que achou normais os primeiros bombardeamentos da madrugada, as tropas nas linhas também os acharam normais, enquanto não viram assomar aos parapeitos a infantaria alemã.

O que se conclui é que, enquanto se tratou de bombardeamentos, tudo correu menos mal para os desejos dos dois generais. Quando, porém, se tratou de atacar e defender o terreno que Alemães disputavam e Portugueses defendiam, é que a coisa não correu ao sabor de nenhum dos generais.

O alemão ficou descontente por ter só avançado 8 km em profundidade. O português manifestou também o seu desagrado porque lhe faltou gente de reserva, com que pudesse pelo menos reduzir tal avanço.

Isto é, ficaram ambos descontentes. O difícil era ficarem ambos satisfeitos. O melhor seria ter-se dado por satisfeito só o português, o pior seria ter ficado satisfeito apenas o alemão. Ora como este último facto não se deu, parece que o 9 de abril não foi um *desastre*, nem para nós, Portugueses, que não cedemos tudo quanto os Alemães queriam, nem para eles que alguma coisa conseguiram.

Analisando os desabafos dos dois generais, vê-se que às 8 da manhã de 9, o inimigo rompe com um assalto da sua infantaria, mas que desde 8 o coronel alemão Bruchmüller, especialista em bater bifés de carne humana com artilharia de todos os calibres, varejou desalmadamente a frente, que ia ser objeto de um ataque. Este ataque foi organizado como o de 21 de março na batalha a que os Alemães chamaram «a batalha da França». Esse ataque foi efetuado, como dissemos, contra as tropas do V Exército britânico, que ligavam no *front* com as tropas francesas. Vamos comparar o ataque de 21 de março com o de 9 de abril, notando-se que o ataque iniciado em 21 de março foi uma operação de maior amplitude do que o efetuado em 9 de abril.

O primeiro tinha como objetivo a posse de Amiens e do nó de comunicações que aí existia ligando, por assim dizer, o exército inglês na frente com o exército francês também da frente. Caindo este nó de comunicações nas mãos dos Alemães, a frente do exército inglês ficava praticamente separada do francês e seria necessário restabelecer as comunicações, muito mais à retaguarda.

O ataque de 9 de abril era o complemento da operação anterior, pois que, forçando os Alemães o exército inglês no centro, esta operação abria-lhes o caminho de Calais e Boulogne; ambas as operações entregariam o Norte da França e talvez até Paris, ao inimigo. Estas eram, pelo menos, as contas que Ludendorff deitava à sua vida. Que as coisas para os Aliados, boas, boas não estiveram, isso é um facto; mas que também o homem põe e Deus dispõe, isso também é verdade, e nesta série de ofensivas de

Ludendorff, o Deus dos Aliados foram as reservas americanas e os santos a que se pediu auxílio foram Foch, Pétain e Castelnau, Gouraud, Mangin, etc.

Ludendorff também tinha vários santos, mas faltou-lhe a ajuda do Deus dele, que seria neste caso as reservas: de modo que o milagre coube aos Aliados e Ludendorff foi parar aos infernos dos generais que perdem as guerras ou que não recolhem a vitória final.

No entanto, apesar de serem os dois ataques (21 de março e 9 de abril) duas operações de objetivo tático diferente — ambas elas sob o ponto de vista de operações restringidas a campos de batalha —, foram perfeitamente idênticas, e se não vejamos.

Em 21 de março, dispõe Ludendorff de 3 exércitos; o XVII Exército (norte e direita), o XVIII Exército (sul e esquerda) e o II Exército (centro).

Quem faz o ataque principal é o II Exército, os outros dois exércitos são empenhados em ataques complementares do ataque no centro, por isso são encarregados apenas de aliviar os flancos dos efetivos, que vão atacar de frente.

Assim, Ludendorff, quando fala da ação do XVII Exército, diz: — «O ataque do XVII Exército, em face do qual se encontrava a mais forte posição, não alcançou senão a segunda trincheira inimiga.» — Isto é, não alcançou terreno aliado, além da «B. line»; a 9 de abril, o mesmo sucedeu com as tropas alemãs que atacaram a 50.^a Divisão inglesa, facto que Ludendorff refere quando cita os resultados do ataque, dizendo: *na nossa esquerda estávamos parados em frente de Festubert, e Givenchy*. Qual, então, a causa desta paragem?

Foi idêntica à paragem do XVII Exército em 21 de março.

A posição em volta e à frente de Béthune era suficientemente forte para resistir a um ataque de flanco e apenas de objetivo secundário; essa posição era mesmo a mais forte, na frente reservada ao ataque do dia 9 de abril.

Cedeu, é certo, a 55.^a Divisão na sua extrema esquerda, mas nesse ponto em que cedeu era a ligação com a *Planície*, onde estavam os Portugueses e qualquer tropa nas mesmas condições formava colchete defensivo para não ser envolvida, procurando assim demorar o avanço de frente do inimigo, batendo-o de flanco.

Quanto ao XVIII Exército, sobre a sua ação em 21 de março, diz Ludendorff: — «No XVIII Exército, tudo se passou conforme tinha sido previsto e planeado. As suas tropas progrediram com vantagens manifestas.» Pois, em 9 de abril, também se dá a mesma causa quando Ludendorff diz: — «À tarde, estávamos progredindo na direção de Armentières, e aproximávamo-nos da ribeira de Lawe.»

A 40.^a Divisão inglesa defendia Armentières numa planície igual à nossa; daí o facto de a sua Brigada 164.^a não ter podido resistir à sapatada que recebeu na manhã de 9 de abril.

De resto, esta brigada ainda sofreu parte do ataque de frente.

Estou mesmo convencido de que o seu *colchete defensivo* foi formado um pouco ao largo de nós, porque o setor de Fleurbaix, que era o setor à nossa esquerda, era um *alguidar*, como eram os nossos três *setores*, e perante um ataque de súbito e a fundo, só havia uma tática a seguir, que era resistir enquanto pudessem e arriar logo que não pudessem, e foi o que sucedeu à 40.^a Divisão inglesa e à 2.^a Divisão portuguesa.

Que a ninguém fique dúvidas sobre o destino que uma divisão francesa, inglesa ou americana, teria tido no dia 9 de abril se estivesse onde esteve a 2.^a Divisão portuguesa. Quem lá estivesse seria esmagado, atropelado e... varrido.

E tanto assim é que, em 21 de março, há o seguinte, contado por Ludendorff quando se refere à ação do II Exército no ataque ao centro do inimigo: — «A infantaria do II Exército penetrou até às segundas posições à retaguarda das linhas da frente.»

Isto quer dizer que *varreu* toda a infantaria inglesa que estava na frente, que igualmente atropelou toda a artilharia de campanha que protegia essa infantaria, bem como devia ter *comido e trincado* alguma artilharia pesada, comandos, quartéis-generais e o resto que por lá encontrou!

Pois, em 9 de abril, a infantaria alemã, pelas 10,30 da manhã, tinha alcançado as posições da *Village Line* e só às 11,30 tinha praticamente varrido o que por lá encontrou ainda da divisão portuguesa.

De 9 até ao meio-dia de 10, esteve a *mascar* portugueses no reduto de La Couture, que só se rendeu a essa hora, e até 11 ao meio-dia ainda recebeu, *no canal de La Bassée, o fogo de infantaria portuguesa*.

De então em diante, foi-se Ludendorff entretendo com os antigos *inquilinos do front* que, diga-se de passagem, não tiveram mãos a medir até 18 de julho.

Já dissemos que os Ingleses perderam em 11 de abril a cidade de Armentières e que à luta encetada em 9 de abril chamaram Ingleses e Alemães a *Batalha de Armentières*.

Pois o cidadão *patriota* em Portugal, pela boca da sua Imprensa, aprendeu a chamar-lhe o *desastre de 9 de abril!!!*

O *Times* e o *Daily Mail*, jornais ingleses, em 11 e 12, prestam a mais sentida homenagem à bravura e sacrifício com que se bateram as quatro

brigadas portuguesas, mas o cidadão português é que *não vai no jogo* e insiste em chamar-lhe o *desastre de 9 de abril!!!* O *Matin* e o *Télégramme* referem-se ao valor dos Portugueses que se bateram na Flandres nos dias 9, 10 e 11 de abril, como se se referissem ao valor provado dos compatriotas, mas o cidadão português é que *não vai atrás do choro* — e continua a chamar-lhe o *desastre de 9 de abril!!!*

Até o próprio telegrama do comando do corpo português para Lisboa, no dizer do general Gomes da Costa, não salvara a honra da 2.^a Divisão portuguesa, como Sir Douglas Haig salvou a honra das suas duas divisões britânicas (a 40.^a e a 55.^a).

Ora, sebo! Para o cidadão português e para o *resto*, que nem vale a pena referir!

Mas, então, que situação resta agora aos mortos, feridos e sobreviventes da *Batalha do Lys*?



Ruínas de La Couture depois de um bombardeamento (setor português).

Os mortos farão... *mais um pequeno sacrificio*, que é pedirem lá do outro mundo inúmeras e constantes desculpas ao cidadão português por não terem sido dotados em vida de um couro suficientemente rijo e duro, para resistirem indemnes à caqueirada de ferro que o coronel alemão Bruchmüller lhes mandou atirar para cima, não só nesse dia, mas ainda desde as 8 e 30 horas da noite, da véspera.

Realmente, foi para eles um ato *censurável*, deixarem-se ir deste mundo tão *precipitadamente* e não se terem resolvido a ficar vivos no lugar em que morreram, mais umas 24 horas, *pelo menos*, para se poderem opor *eficazmente* ao avanço dos Alemães.

Os mutilados... esses também, de chapéu na mão (se tiverem, pelo menos, um braço) e ares compungidos, pedirão perdão a todo o cidadão português que lá não esteve por não lhes ter sido possível morrer *logo ali* dos ferimentos recebidos, mas... a culpa foi dos maqueiros e dos médicos das ambulâncias portuguesas, inglesas e alemãs, que os não deixaram morrer. Perdoará, ao menos, o cidadão português esta *cumplicidade* dos maqueiros e dos médicos? Não sabemos! O cidadão português, quando lhe dá para ser *exigente*, não é... para brincadeiras!

Quanto aos que foram aprisionados, esses pedirão ao cidadão português desculpas sem fim por não terem fugido logo de manhã, e terem-se deixado ficar nos seus postos até se lhes acabarem as munições.

E os que estiveram na batalha até os mandarem retirar e, por conseguinte, não foram mortos, nem feridos, nem prisioneiros?

Esses pedirão, de roço, e com os olhos cheios de lágrimas, mil perdões por lhes ter sido *impossível* deixarem-se matar, ferir ou prender.

Resta ainda um ou outro, que fugiu e se escapuliu da batalha espavorido, esquecendo os seus mais altos deveres militares.

Esses... irão para a *coleção* de alguns colegas franceses, ingleses, alemães, etc... que sempre houve em todos os tempos e em toda a parte, restando-lhes, no entanto (a esses que, por acaso, se tiveram escapulido), a certeza de que muitos dos que os criticam seriam capazes de fazer a mesma coisa.

Que felizmente houve muitos *sem amor ao pelo*, sabemos-lo nós pelo general Ludendorff, quando este, referindo-se aos resultados durante o dia 9 de abril, diz: — «No entanto, os resultados obtidos não eram de molde a satisfazer.»

O cidadão português também não se deu por satisfeito e tanto assim que desatou a chamar, com ares superiores, à *Batalha do Lys*, o *desastre de 9 de abril!*

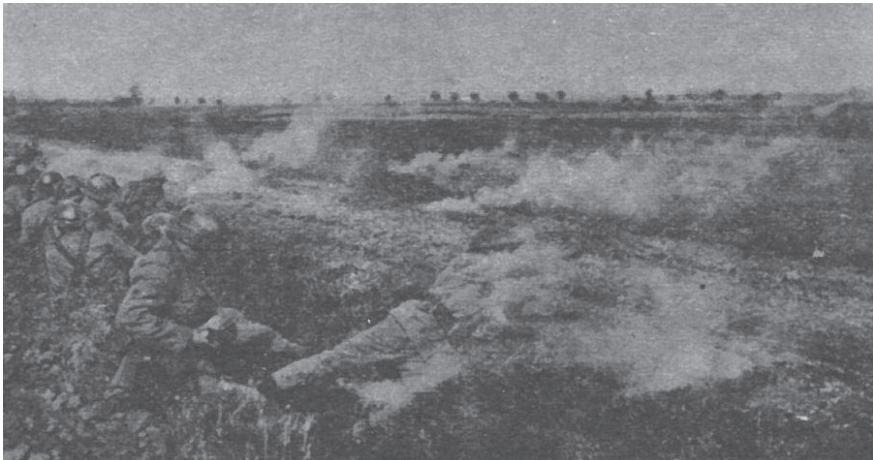
Isto é, nem o cidadão português nem o general Ludendorff se dão por satisfeitos com os sucessos de 9 de abril de 1918.

Há de ser muito difícil conciliar estes dois modos de ver. E, no entanto, este Ludendorff é, no meio de tudo isto, o melhor padrinho dos portugueses que se bateram em 9 de abril na planície de Sur-la-Line.

Depois dele, como *madrinha* de algum valor ainda temos a agência telegráfica alemã da Reuters e vários amigos como o foram alguns jornais ingleses e franceses, que nos fizeram a justiça devida e merecida. Com o cidadão português é que não há nada a fazer. *Foi um desastre, e desastre fica sendo.*

A Pátria portuguesa, para outra guerra de que os portugueses partilhem, escolherá *melhores* portugueses e dos mais duros de pele e osso (os ossos serão de chifre e a pele de borracha endurecida), para resistirem, mais *eficazmente* aos milhares de tiros que então receberem.

A sua principal função será, nessa ocasião, levarem tudo diante de si, a soco, à bofetada e a pontapé, e no caso de o inimigo tentar avançar, ficarão impassíveis perante o número dos que os atacarem.



Exercícios com granadas de fumo nas escolas do Corpo Expedicionário Português.

Como não de ser feitos de material *muito rijo*, não terão necessidade de arredar pé, nem levarão a melhor com ele os adversários, por mais tiros, baionetadas e coronhadas que lhes atirem!

E só nesse dia todo o cidadão português *que lá não estiver* se dará por satisfeito com os esforços dos soldados do seu país!

Muito propositadamente, inclui-se na transcrição umas palavras dos dois generais, um português e outro alemão, os sentidos comentários do autor em cujo trabalho se encontra a valia das afirmações de Ludendorff e Gomes da Costa. É que estes comentários do autor são de grande oportunidade hoje em dia, exatamente por terem sido escritos há meio século: eles elucidam do que pode acontecer quando uma opinião pública está à mercê das consequências de uma política interna dividida por ódios políticos, e os Portugueses deixam de se chamar muito simplesmente assim mesmo — Portugueses — e passam a ser conhecidos pelas alcunhas de *democráticos* ou *sidonistas*, ou outras quaisquer.

Perante um país internamente dividido, em que os valores nacionais estejam mais empenhados em se digladiarem entre si do que em servirem a Pátria, uma das condições imediatas é a desorientação geral — perante essa desorientação geral não há esforço que valha a pena ser feito, a não ser o de acabar com tal desorientação. O 9 de Abril de 1918 marca um combate sangrento da Primeira Guerra Mundial, em que se defrontaram Portugueses e Alemães. Os defensores portugueses foram derrotados pelos atacantes alemães, mas não podiam ter saído vencedores, porque não tinham condições psíquicas nem materiais para derrotar o inimigo.



Primeira linha do setor português de Ferme du Bois.

As falhas que se possam apontar ao comando português não chegariam, caso não tivessem acontecido, para modificar a sorte da batalha. Uma coisa é certa: muitos portugueses se empenharam na luta, muitos morreram e muitos ficaram mutilados. Todos lhes devem, pelo menos, um profundo respeito pela maneira como souberam honrar o nome de Portugal.

O artigo que a seguir se transcreve, da autoria de J. J. Faria Afonso, encara o «9 de Abril» à luz das obrigações contraídas para com os homens da Batalha de la Lys, quer pelos Portugueses em geral, quer pela Liga dos Combatentes em particular. Além disso, o autor faz uma descrição sintética dos acontecimentos militares daquela batalha, que constitui um admirável resumo dos eventos verificados e corrige, em favor do aprumo do soldado português, aquilo que poderia ter ficado deficientemente esclarecido, quando se afirma que, globalmente, os Alemães eram menos numerosos do

que os Anglo-Portugueses. Entretanto, no setor central do ataque — onde estavam os Portugueses —, a diferença numérica era esmagadora a favor dos atacantes, como aliás, preceitua a estratégia.

A modéstia de uns e o derrotismo de alguns, amalgamados no almofariz em que batia forte o pilão das lamentáveis desinteligências políticas que mais dividiam os Portugueses quando, em 1918, se travou na Flandres, com os Alemães, uma fase da batalha que entre nós ficou conhecida pelo «9 de Abril» — tal qual simplesmente assim crismada, à laia de episódio revolucionário igual a tantos —, essa modéstia e esse derrotismo é que obliteraram as reais proporções da maior prova de fogo a que os nossos soldados foram submetidos em toda a Grande Guerra, e acabaram por estabelecer a confusão e a dúvida que ainda hoje se revelam pelo menos uma vez em cada ano.

A Batalha de La Lys, na designação que lhe deram os Franceses, ou a Batalha de Armentières, como lhe chamaram os Ingleses e Alemães, uns e outros muito mais dentro das realidades, e muito mais expressivos do que nós na classificação deste passo memorável, foi uma ação de grande envergadura, cujo objetivo era cortar e isolar uma parte dos exércitos aliados, e apressar, com o seu esmagamento, o termo das hostilidades que a Alemanha já sentia dificuldade em alimentar e prolongar.

Se não tivesse sido a resistência, tenaz e heroica, dos efetivos portugueses, apesar de desarticulados e depauperados, ainda por cima em madrugada de rendição que, aliás, deveria ter sido antecipada de alguns meses, ao menos de algumas semanas, talvez o Estado-Maior alemão tivesse podido atingir, em cheio, o alvo que se propunha tocar, toda a orla marítima do mar da Mancha, com imediatas e graves consequências para o desenvolvimento de novas operações e dúvidas cruentas quanto ao termo da guerra.

O cataclismo caiu sobre o corpo expedicionário português na pardacenta madrugada daquele dia, como já caíra, esmagador e feroz, sobre outras tropas, umas do bloco aliado, outras do bloco inimigo, em frentes e tempos diferentes, conforme as exigências do momento aconselhavam os golpes, ou as possibilidades podiam consentir na sua efetivação.

...

Foram os soldados portugueses que aguentaram o embate, e nos seus peitos se quebraram as setas de marcha apontadas a Boulogne e a Calais. O serviço que prestaram às armas aliadas, sendo embora uma pequeníssima parcela de toda a máquina de guerra em ação, foi relevante e mereceu citações de chefes de envergadura como Ludendorff — o mais insuspeito — que desencadeou o ataque e confessou, no seu relatório, que os resultados não correspondiam, ou, mais rigorosamente, «não eram de molde a satisfazer».



Artilharia pesada: a caminho da frente...

Este lugar não pode comportar demoradas citações e números nem as circunstâncias, nem nós temos competência para tanto. Contudo, importa citar que a incompleta e esgotada 2.^a Divisão, com a responsabilidade de um setor de 12 km de frente sobre terra lamacenta, foi atacada por oito divisões bem apetrechadas, e mais quatro na reserva, preparadas todas elas, como convinha, para uma ofensiva que o Estado-Maior alemão lançava, na sequência de outras de cujo conjunto teriam de depender, fatalmente, a vitória ou a derrota das águias germânicas.

Os números são eloquentes e convém repeti-los, alguns pelo menos, como aquele que citámos há pouco, relativo a doze divisões alemãs que se lançaram como cilindro contra uma só divisão portuguesa, diminuída em efetivos, e, ainda por cima, arrasada física e moralmente pela permanência de cerca de cinco meses num emaranhado de trincheiras cavadas na lama,

em região onde chegara a registar-se, no inverno precedente, a temperatura de 17°C negativos.



... e a festejar o S. João.

Acrescente-se que a referida divisão não teria mais de 5000 espingardas na linha de fogo, com a reserva de um batalhão apenas, e que não contaria, cremos, com número superior a 60, em peças de artilharia.

Do outro lado, as oito divisões marcharam a coberto do fogo impiedoso de mais de mil e duzentas peças que vomitaram metralha de todos os calibres e espalharam densas cortinas do mortífero gás de combate.

Contudo, tendo o ataque sido lançado às 4,15 horas da madrugada do dia 9, só às 9,30 é que o batalhão da direita informava da perda da 1.^a e 2.^a linhas; uma hora depois, os Alemães alcançavam a linha de redutos conhecida pela designação de *Village Line*, até às 12 horas do dia 10, continuou a luta em La Couture, dura e desigual como desde o início; e, finalmente, pelo meio-dia de 11, isto é, pouco menos de 56 horas depois dos primeiros tiros que anunciaram a ofensiva, os Alemães ainda eram visados, no canal de La Bassée, por restos da infantaria portuguesa, duas companhias do 15.

Ao cabo do terceiro dia de luta no setor confiado aos Portugueses, em que os progressos, por lentos, não foram de molde a satisfazer Ludendorff, como ele próprio o confessou, o avanço estava parado e não ultrapassava os oito quilómetros em profundidade.

Posteriormente, o mesmo general Ludendorff avançou em Soissons, em 3 dias (27, 28 e 29 de maio), 40 km; nos princípios de junho, mais 20; e no dia 9 deste mesmo mês, abriu uma nova brecha com 10 km de profundidade...

Nem nós éramos mais fortes, nem eram mais fracos os Ingleses e Franceses contra quem foram desferidos estes últimos golpes.

Resistimos e batemo-nos como pudemos e quanto pudemos, como se infere de depoimentos insuspeitos de personalidades, as mais responsáveis, e até do juízo feito pelo então general Gomes da Costa, que foi comandante das tropas em ação e nos diz, no seu relatório, que «a 2.^a Divisão portuguesa, com os seu 7500 homens perdidos, dos quais 327 oficiais, demonstrou à evidência que se bateu com bravura e com honra e que, se mais não fez, foi porque era humanamente impossível».

O «9 de Abril» não foi um desastre: o «9 de Abril» foi uma fase da Batalha de La Lys — como também a classificou aquele general, em que os Portugueses, diremos nós, fizeram tudo quanto humanamente era possível fazer-se.

Eis porque a Liga dos Combatentes tem a indeclinável obrigação de não deixar apagar, de entre os quadros da História Contemporânea, aquele de que nos ocupámos aqui, e a que alguns precipitados ou derrotistas querem dar ainda, sem reboço, o negrume funesto da batalha de Alcácer-Quibir.

Para encerrar este capítulo sobre a mais sangrenta das batalhas travadas entre Alemães e Portugueses durante a campanha da França da Primeira Guerra Mundial, oferece-se ao leitor um documento infelizmente pouco divulgado e que parece ter o maior valor para a justa avaliação do comportamento das tropas portuguesas empenhadas nesse combate. É firmado pelo marechal Von Hindenburg, que posteriormente chegou a ser presidente da República alemã, e que era justamente considerado um dos mais brilhantes e dos mais honrados chefes militares europeus. No livro que escreveu sobre a Primeira Guerra Mundial, o marechal referiu-se nestes termos aos portugueses que combateram no «9 de Abril»:

As tropas portuguesas, na sua maior parte, retiraram-se do campo de batalha numa fuga desordenada, deixando aos seus aliados o cuidado de nos combater.

Um oficial português — o capitão de artilharia Nuno Brandão Antunes — escreveu então uma carta a Von Hindenburg, mostrando-lhe a injustiça desta sua afirmação. Não transcrevemos essa carta, por se tratar de um

documento muito longo, e que pouco ou nada acrescenta a quanto ficou dito sobre o combate. O importante é arquivar o nome do oficial português que a assinou e publicar a resposta de Hindenburg — que, esta sim, e especialmente por ser consequência de uma investigação pormenorizada, mandada fazer pelo seu ilustre signatário, tem para todos, e para a verdade histórica, um valor inestimável.

Ei-la:

Hannover, 19 de janeiro de 1924

Ex.^{mo} Sr. Capitão

Os factos narrados no meu livro basearam-se nos depoimentos de um oficial inglês prisioneiro e nas informações dadas por oficiais alemães que tinham participado no combate.

As investigações a que desde então se tem procedido dão, porém, um juízo diferente do comportamento das tropas portuguesas, e não tenho dúvida em declarar o seguinte:

No meu livro (*Da Minha Vida*) acha-se, na narração da Batalha de La Lys, o seguinte período:

«As tropas portuguesas, na sua maior parte, retiraram-se do campo de batalha numa fuga desordenada, deixando aos seus aliados o cuidado de nos combater.»

Conforme fui informado, esta redação deve ser modificada. O assalto dos Alemães encontrou os Portugueses em posição pouco favorável e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por este facto do que por falta de resistência das tropas. Considerando-se as circunstâncias difíceis, as tropas, tanto o oficial como o soldado, bateram-se valentemente.

Nas novas edições do meu livro far-se-á igualmente a correspondente retificação.

O meu coração de velho soldado regozija-se vendo a nobre atitude com que V. Ex.^a defende a honra das suas armas. Quanto mais valente é o inimigo, tanto mais gloriosa é a vitória sobre o mesmo. Saúdo V. Ex.^a como camarada e subscrevo-me, com toda a consideração,

...

De V. Ex.^a
Dedicado,
Von Hindenburg,
General, marechal-de-campo.

Com estas palavras de justiça do velho e honrado cabo de guerra, que foi o marechal Hindenburg, dá-se por encerrado este capítulo sobre os enigmas do 9 de Abril de 1918. Mais do que quaisquer estéreis polémicas sobre o assunto, de elementos mais ou menos nele interessados, merecem respeito as afirmações do general comandante-em-chefe que combateu as tropas que Portugal mandou à Flandres. O que é triste é que, enquanto entidades estrangeiras da mais reputada categoria se afirmam, como aconteceu ao marechal alemão, respeitadores do valor do soldado português, haja em Portugal pessoas tão insistentemente interessadas em diminuir os seus méritos. Sinal dos tempos — que em nada dignifica esses tempos, nem os indivíduos.

Os enigmas do 9 de Abril não são insolúveis. Para os compreender, para os avaliar, há, contudo, uma qualidade que se impõe: a da honestidade dos propósitos.

Metzner Leone

SARAJEVO: MILHÕES DE MORTOS POR CAUSA DE DOIS TIROS

Está um tempo maravilhoso, em Sarajevo, neste domingo, 28 de junho de 1914. O carro em que seguem o arquiduque herdeiro da Áustria-Hungria, Francisco Fernando, e sua mulher, a duquesa Sofia, chega a um cruzamento. Diminui de velocidade. Um homem aproxima-se da beira do passeio, a poucos metros do carro. Puxa de um revólver e dispara duas vezes. O arquiduque e a mulher tombam: mortos... O assassino tem dezanove anos, chama-se Gavrilo Princip e é de origem sérvia. Prendem-no imediatamente.

Tempo maravilhoso em Jonchery, perto de Delle, no domingo 2 de agosto de 1914. O cabo Peugeot, do 2.º Batalhão do 44.º de Infantaria, está a tomar o fresco diante da casa do senhor Docourt, onde estabeleceu o seu posto de sentinela, com quatro soldados.

Repentinamente, ouve-se uma cavalgada. A filha do senhor Docourt chega a gritar: «Socorro! Os Prussianos!» O tenente Meyer não responde ao brado de armas do cabo Peugeot. Puxa do revólver e dispara. O cabo cai ferido, mas ainda tem forças para ripostar. O tenente cai, por sua vez... morto. O cabo Peugeot sucumbe poucos minutos depois. Foram os primeiros mortos oficiais da guerra de 1914-1918.

Cinco semanas separam os dois tiros de Sarajevo do tiroteio de Jonchery. E este foi a consequência direta daqueles.

Esses dois tiros iriam provocar a morte de milhões de homens, lançar toda a Europa a ferro e fogo, arruinar países, destruir impérios, provocar a maior perturbação política jamais conhecida pelo homem.

...

Bismarck tinha dito, poucos anos antes: «A próxima guerra será desencadeada por um acontecimento insignificante, ocorrido nos Balcãs...»

«Balcã» significa, em turco, montanha arborizada. Os Balcãs são, antes de tudo, o nome da cordilheira montanhosa que acompanha o Danúbio, desde Sófia até ao mar Negro. Por extensão, é também o nome, no princípio do século xx, de toda a península que vai da Bósnia-Herzegovina até ao Peloponeso. Um território de quinhentos mil quilómetros quadrados.

É uma região muito variada, com rios que são autênticas avenidas, montanhas desérticas e vales verdejantes.

O inverno é muito frio; o verão, tórrido. De uma terra ingrata, trinta raças misturadas procuram extrair uma magra pitança.

Trinta raças e outras tantas religiões, costumes, leis, governos. Há cinco séculos que os Balcãs servem de campo de batalha aos potentados, aos reizes, aos grupos étnicos ou religiosos, para nele ajustarem as suas contas. Os mais fortes, impiedosamente, matam, pilham, chacinam. Os sobreviventes, expulsos de uma terra queimada sob todos os aspetos, vão instalar-se um pouco longe, onde se misturam a outras raças e onde tentam recomeçar a vida.

Cinco séculos de miséria e de opressão, ao fim dos quais o império otomano acabou por impor o seu jugo sobre quase toda a região. Mas, embora os Turcos tenham ganho pelas armas, falharam politicamente. Sujeitam os povos, ocupam os territórios; mas são incapazes de realizar a unidade, de constituir nações, estados. Então, pouco a pouco, no decorrer dos séculos, em nome da sua religião ou da sua raça, imbuídos das ideias da Revolução Francesa, os povos sujeitos levantaram a cabeça, e, pouco a pouco, expulsaram o invasor, o opressor.

Em 1900, nos Balcãs, pode falar-se já da «marcha irreversível da História dos Povos, rumo à sua independência»... Os Búlgaros, os Gregos, os Sérvios, desferem os primeiros golpes e retribuem centuplicadamente os que receberam. A vingança em nome da liberdade e do direito à autonomia acaba por ser tão terrível como o tinha sido a sujeição da ditadura.

Conseguida a independência, tem de haver um governo, e, para um só posto, os candidatos, por vezes, são numerosos.

Um dos argumentos políticos mais eficientes é então o atentado. São raros os reis, os príncipes, os governadores de província que morrem de morte natural. Na Sérvia, por exemplo, que é um reino desde 1882. Para subir ao trono, Karageorges mandou assassinar o pai... Mas é também assassinado... O seu sucessor igualmente... depois, é assassinado o rei Obrenovitch

com a mulher, a rainha Drago, e o cunhado. Pedro Karageorgevitch consegue morrer de morte natural, mas o filho, Alexandre, rei da Jugoslávia, será assassinado em Marselha...

Os países ditos civilizados observam estas convulsões com uma certa dose de inquietação, misturada com desejo. Inquietação pelas possíveis consequências dessas convulsões no frágil equilíbrio político da Europa, estabelecido à base de tratados e de alianças; desejo de receberem, eventualmente, uma fatiazinha do bolo. É evidente que os países mais vizinhos são os mais gulosos. Por um lado, o império austro-húngaro, por outro a Rússia. Um acaso infeliz determinou que Francisco José e Nicolau II não se encontrem no mesmo campo.

Francisco José está à frente de um império que é também um *puzzle* de raças: Austríacos e Magiares, sem dúvida, mas também oito milhões de Alemães, Eslovacos, Checos, Eslovenos, Croatas. Francisco José acha que a melhor maneira de reinar é dividir. O sobrinho, o arquiduque Francisco Fernando, era de opinião de que deviam agrupar-se todos estes povos, tanto os que faziam parte do império como os do lado, os dos Balcãs, numa vasta federação. Mas, por enquanto, a ideia não está ainda amadurecida. Talvez o arquiduque pensasse seriamente no caso, quando foi a Sarajevo.

Mas ainda lá não chegámos.

Placa giratória da Europa Central, o império austro-húngaro assinou em Viena, a 20 de maio de 1882, um tratado de aliança e defesa mútua, com o império alemão, por um lado, e com a Itália, pelo outro. É a Tríplice Aliança, cujo princípio de funcionamento, na aparência, é muito simples: se um dos três países for atacado, os outros dois voam em seu auxílio; se um deles é agressor, os outros não se mexem, ou então buscam, nas entrelinhas do tratado, a cláusula que lhes permita contorná-lo. Os Alemães encontrá-la-ão sem custo. Quanto aos Italianos, preferem fechar os olhos. No momento crucial, os três da Tríplice serão apenas dois. Enquanto espera, apertado entre a Alemanha, que rebentava nas suas fronteiras, e a Rússia, que se pretendia protetora das minorias eslavas, o império de Viena só podia aliar-se a uma, fazendo-se detestar pela outra. Teria sido necessário um espírito diplomático muito subtil para manter o equilíbrio entre Berlim e S. Petersburgo. E não era positivamente o caso.

Nicolau II encontra-se, pois, no campo contrário. À Tríplice Aliança opõe-se a Tríplice *Entente*: Rússia-Inglaterra-França. Além disso, a França e a

Rússia estão ligadas pelo tratado de assistência mútua de 1894. Por outro lado, entre a França e a Inglaterra existe, desde 1904, a *Entente Cordiale*. Muitas vezes, porém, torna-se necessário pôr o adjetivo entre aspas, pois embora a finalidade seja idêntica, as diplomacias nem sempre são complementares. A *Entente Cordiale* não é um pacto devidamente assinado e ratificado: não passa de um acordo verbal, válido principalmente no campo militar, mas ao qual os diplomatas do Foreign Office se esforçam por dar o mínimo de consistência possível. Vagas promessas, isso sim. Um compromisso formal? Não, de forma alguma!



O imperador Francisco José.

O mesmo acontece entre os Ingleses e os Russos. S. Petersburgo fica tão longe, para um londrino! Ao governo de Sua Majestade Graciosa, duas coisas interessam acima de tudo: o Império e a Armada. No fundo, os diplomatas do Foreign Office não se sentem descontentes de que o continente seja abalado por crises internas. Durante esse tempo, eles, os Britânicos, poderão aumentar o seu poderio marítimo e colonial.

E não são as crises internas que faltam! Mais ou menos graves, mas permanentes. Se entre pequenos se faz a guerra por «dá cá aquela palha», entre os grandes espreitam-se mas evitam-se os atritos.

No seu livro *The World Crisis*, Churchill refere-se a «esta diplomacia discreta, onde tudo se passa com meias-palavras, entre pessoas de bom-tom (...) Tudo parecia encaixar-se com firmeza num imenso andaime», escreve ele. «O velho Universo, no seu poente, era um espetáculo que encantava a vista».